

A citricultura do Algarve e a seca: Proposta de algumas medidas de contenção

Nas últimas semanas a seca que está a afetar o Algarve (e algumas zonas do Alentejo) tem estado presente na maioria dos órgãos da comunicação social e tem sido alvo de discussão em todo o país. O problema levou a que os diversos órgãos do poder se tenham concentrado em falar e tomar decisões relativamente à falta de água que ameaça a economia e, eventualmente, a qualidade de vida nesta região. Independentemente da atual gravidade do problema e da quantidade de precipitação que, entretanto, ocorra, parece evidente que todos temos de repensar a forma como usamos a água e poupá-la todos os dias, tanto nas nossas casas, como nas nossas atividades profissionais.

A “falta de água” ou a necessidade de fazer um uso mais eficiente dela, está associado a uma problemática da qual a sociedade tem conhecimento desde há várias décadas e que se tem vindo a intensificar nos últimos anos. Como causas, temos, por um lado, o nosso clima mediterrânico, caracterizado por verões quentes e secos e invernos chuvosos, com ciclos de seca de vários anos; e por outro, temos o aumento do consumo doméstico e o desenvolvimento das duas atividades económicas mais importantes na região (agricultura e turismo) que dependem muito da disponibilidade de água para a sua prosperidade. Este período de seca, que nos suscita as maiores preocupações, tem levado a que algumas pessoas, talvez por falta de conhecimento sobre o setor, digam que o Algarve não tem condições para culturas de regadio. Na sua perspetiva, perante uma suposta inevitável diminuição dos recursos hídricos, a única solução para a agricultura do Algarve seria diminuir a área regada, convertendo-se ao sequeiro. Ora, entende-se por agricultura de sequeiro como aquela que usufrui única e exclusivamente da água da chuva para sobreviver e produzir. Logo, se chove menos, é mais difícil fazer agricultura de sequeiro. A rega é tanto mais necessária quanto mais seco é o clima, independentemente da cultura. Há 50 anos o “pomar tradicional de sequeiro” típico algarvio e constituído por espécies como alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e figueiras, era um exemplo deste tipo de agricultura. Acontece que estas culturas deixaram de ser economicamente viáveis nos moldes em que eram cultivadas, o que, conseqüentemente levou ao abandono desta atividade.

Com o desenvolvimento da tecnologia do regadio, nomeadamente, dos sistemas de rega localizada, surgiu a oportunidade de tornar a fruticultura algarvia mais produtiva e diversificada

Isto acabou por atrair mais pessoas que investiram, criaram negócios sustentáveis e desenvolveram os seus pomares regados. Desistir do regadio seria caminhar resignadamente para o empobrecimento e para a desertificação do Algarve. Como

solução, o que há que fazer é aumentar a disponibilidade de água e melhorar a eficiência da rega. Não sendo nós especialistas em recursos hídricos não nos cabe escolher a melhor forma de aumentar a disponibilidade de água. Podemos simplesmente dizer que vemos com bons olhos a construção de mais barragens (grandes ou pequenas), a disponibilização para a rega das águas para reutilização (ApR) provenientes das ETAR ou ainda a melhoria da utilização dos recursos hídricos subterrâneos. Todas essas fontes podem fornecer água com a qualidade suficiente para a rega. No caso dos citrinos – a cultura de regadio mais importante no Algarve - a principal limitação pode ser o teor de sais na água, por vezes demasiado elevado nas águas para reutilização ou nas águas de furos situados em zonas com intrusões salinas. Nesses casos, a mistura com água de barragem pode ser uma solução, sendo que já foram realizados vários estudos que o corroboram.

Centrando-nos agora na situação que se vive no Algarve, em que a falta de água levou a que fossem impostas reduções das dotações de rega para este ano, deixamos aqui a nossa opinião sobre o assunto. A imposição de uma taxa de redução igual para todos os pomares situados num determinado perímetro de rega pode constituir uma injustiça para os muitos agricultores que já reduziram a rega no último ano e que, de uma forma geral, fazem uma rega bastante eficiente.

É importante que se saiba que, cada vez mais, é utilizada tecnologia avançada para monitorização das necessidades hídricas das plantas e que, portanto, o setor está bastante alerta no que toca à otimização da rega. Seria então mais conveniente impor um limite máximo de dotação de água para cada agricultor, em função da área do pomar, da idade das árvores e, eventualmente, do tipo de solo. Nesse caso, o agricultor poderia gerir essa água de acordo com as suas prioridades e com as medidas que possa adotar para reduzir as necessidades de rega.



Pomares com diferente resiliência em situação de rega deficitária. No vale os solos são mais profundos e húmidos, pelo que, as árvores resistem melhor a uma rega inferior ao normal. Nas encostas o solo é pobre e pouco profundo, tornando as árvores mais suscetíveis à redução da rega. O corte da vegetação espontânea (deixando-a a servir de empalhamento) permitiria conservar melhor a água no solo



Cobertura do solo com casca de amêndoa, para controlo da vegetação espontânea e redução da perda de água por evaporação. [Ensaio realizado no âmbito do projeto Life Vida for Citrus, na Herdade da Zambujeira, da empresa Valenciagro]



Lenha de poda triturada na entrelinha de um pomar de citrinos, para controlo de vegetação espontânea e diminuição das perdas de água por evaporação [Ensaio realizado no âmbito do projeto Life Vida for Citrus, na Herdade da zambujeira, da empresa Valenciagro]

Medidas para reduzir as necessidades de rega dos pomares de citrinos

Tendo em conta a falta de água que se faz sentir no Algarve e os cortes de água impostos, é conveniente que se promova o maior armazenamento de água no solo possível e que se diminuam as necessidades hídricas das plantas no próximo verão. Nesta altura do ano é importante que o pomar beneficie ao máximo da precipitação que ocorra, promovendo-se a infiltração de água no solo e diminuindo a escorrência. Isto pode ser conseguido através da manutenção de uma cobertura vegetal herbácea e da manutenção de resíduos de poda sobre o solo, mas também pela abertura de sulcos no solo, quando isso não provoque riscos de erosão e não danifique as raízes das árvores. O corte de vegetação herbácea alta diminui a evapotranspiração e conserva a água no solo.

A redução da massa foliar das árvores, através da poda, diminui as necessidades hídricas das plantas. Por isso, a realização da poda anual, após a colheita, pode contribuir para a poupança de água. Em pomares com vegetação densa e que há vários anos não são podados, a realização de uma poda severa, com eliminação de 30 a 40% da massa foliar, reduz as necessidades de rega, reduz a produção e aumenta o calibre do fruto, podendo compensar uma redução do calibre do fruto que possa advir de algum stress hídrico que as árvores venham a sofrer no verão. No caso dos pomares que necessitem de uma reconversão varietal, esta é uma boa ocasião para fazer a reenxertia, acompanhada de uma poda severa.

No caso de pomares velhos que se encontram no limite da rentabilidade, será de ponderar o seu arranque e a manutenção da parcela com culturas de sequeiro ou em pousio, até que termine este ciclo de seca. Dessa forma poupa-se água que poderá ser mais bem utilizada em pomares com maior viabilidade.

Quanto mais desenvolvido for o sistema radicular das árvores mais resilientes estas serão a uma rega insuficiente. Por isso, todas as medidas conducentes ao desenvolvimento do sistema radicular aumentam a resiliência do pomar. Nesta época do ano e antes de um período de precipitação, é de equacionar a aplicação superficial de fertilizantes, que irão penetrar no solo com a ajuda da chuva e que estimularão o desenvolvimento do sistema radicular.

Após a primavera será de equacionar a programação de uma rega deficitária controlada na maioria dos pomares. Esta técnica permite uma poupança de água que pode chegar até aos 30% em alguns casos, sem significativa perda de produção. A CCDR (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional) e a Universidade do Algarve estão a trabalhar conjuntamente com a Frusoal e com vários agricultores no desenvolvimento desta técnica, no âmbito do projeto “Agro+Eficiente: Valorização de recursos genéticos tradicionais, novas culturas e gestão de água da rega em contexto de alterações climáticas”, financiado pela União Europeia através do PRR.

Amílcar Duarte & Ana Rita Trindade

MED-Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento - CHANGE—Global

Change and Sustainability Institute

Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro